

DADOS BIOGRÁFICOS E AUTOBIOGRÁFICOS DE ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA

por

Benjamim Pereira

No dia 14 de Janeiro de 1990 faleceu, em Lisboa, Ernesto Veiga de Oliveira. Nasceu na Foz do Douro em 1910, oriundo pelos quatro costados de famílias nortenhas — do Minho, de Trás-os-Montes, Douro Litoral, e até da Galiza, mas de vivência, educação e hábitos cosmopolitas. A sua família pertencia ao extracto social burguês mais culto daquela cidade, muito ligada à colónia inglesa que, ainda nas primeiras décadas deste século, marcava com um timbre especial o seu ambiente económico, social e cultural, e com arreigados ideais republicanos e democráticos (seu avô materno, o Dr. Augusto Alves da Veiga, foi o chefe civil da Revolta do 31 de Janeiro). Fez o liceu na sua cidade natal, e formou-se em Direito em 1932 em Coimbra. Advogou no Porto durante dois anos, mas em breve se compenetrou do seu desajustamento irredutível a qualquer profissão que não viesse ao encontro do que para ele eram os valores essenciais do Homem e contrariasse a livre expansão da sua personalidade.

«Um versejar juvenil; um filosofar fora de escolas em monólogo com a própria dúvida; um panteísmo sem deuses; uma grande independência de espírito, de atitudes, de credos; e o imperativo da verdade, da liberdade, da mais límpida simplicidade, modelariam o seu pensar, a sua visão do mundo e a sua maneira autêntica de estar na vida. E aflorariam também num profundo amor pelo povo e no apelo das paisagens e das coisas naturais, que o levariam a calcorrear, a pé, extensas regiões do País — uma terra ainda fora do presente, virgem de estradas, de turismo, de poluições: o litoral, do rio Minho ao Tejo; as praias desertas do Algarve; as remotas áreas fronteiriças de Castro Laboreiro ao Gerês e Larouco; a Terra Fria transmontana, de bravios, estevas e lobos; as serras e os rios — atardando-se nas aldeias, perdidas no tempo e no isolamento, com a sua lei local quase intacta, empapando-se dessa cultura e assimilando-a, em longa vivência contemplativa participante».

Desde muito novo sentiu uma atracção irreprimível pela variedade do mundo, que se traduziu por uma marcada preferência pela literatura de viagens e de explorações — o desvendar dos mundos ignorados na imensa variedade de soluções que eles iam revelando.

Experiências profissionais, em Lisboa, impostas pela necessidade de ganhar a vida confirmaram, de novo, o seu desajustamento.

Na correspondência que mantém com Jorge Dias, que conhece em 1932 e a quem fica ligado por uma profunda e inalterável amizade, feita de entendimento, admiração e confiança, é patente esse anseio duma informulada actividade científica que mais tarde tomou corpo na Etnologia:

(Lisboa, 20/5/1936)

«Ando às vezes numa grande ansiedade de ler, de saber, de pôr o problema do desconhecido o mais além possível. Aborreço a estéril locubração puramente humana, mas chego a julgar que me interesse verdadeiramente pelas ciências naturais, que nasceram afinal da contemplação, por olhos irmãos dos nossos, deste imenso incêndio petrificado e recôndito da vida. Parece que acorda em mim um místico D. Quixote, que vai desvendando o mistério espesso... Compró livros grossíssimos (e caríssimos...) que têm índices que parecem poemas. Mas a ciência é árida, árida, e aquela que hoje perscruta o fogo que morreu na pedra, tem a secura poeirenta de quem dissecasse uma múmia ou um fóssil. Ainda ontem comprei um calhamaço sobre as Raças e a História, pensando nessas primeiras migrações, esse divagar obscuro e ainda quente das lavas caóticas, o incerto despertar da natureza... E o diabo do livro só quase enumera pesadamente ângulos faciais, grutas paleolíticas, necrópoles ressequidas de braquicéfalos ou doliocéfalos, sem suspeitar de longe da maravilha fremente e selvagem do olhar calcinado que palpita em nós quando os nossos olhos olham as pontas de silex... Parece que o homem se funde na pedra e se torna um mineral divino antes de ser a célula pastosa...»

(Lisboa, 1937)

«Fui ver o Jardim e Museu Colonial, e diante daquela imagem ressequida e mumificada dos horizontes deste mundo, fiquei apavorado com a vida mesquinha e efeminada que estou e estamos a fazer, fechados nestas cidades, sem forças nem aventura a preparar cada vez mais a repimpada burguesia da idade... Temos de partir, para Timor, que deve ser uma terra estupenda! Eu já não posso mais ficar aqui... Será forçoso ficar amarrado aqui, ter de abdicar definitivamente deste sonho fantástico de partir, para continuar no horizonte estagnado, como uma gaivota sem asas? que decadência insuportável...»

Em vez de vento, mar e serras, eu vou dando lições de português, fechado numa sala, em Lisboa, com a engrenagem toda atrás de mim, e um desgosto sem igual por tudo.

É que eu, nesta contradição fantástica, aspiro a uma vida que seja o máximo da virilidade, saber, poder ir, e ir, sosinho por esse mundo fora, ignoto e violento... Fico aterrado quando vejo estes montes flácidos de carne humana, mole e torpe, envenenada de comodidades mesquinhas, hábitos miseráveis, sensualidades reles — e que penso que há criaturas que vão por aí fora, queimadas das estrelas tropicais, bêbadas da sensualidade imensa das raças e das distâncias, secas e livres da ambição pequenina do homem europeu...»

(Lisboa 4/6/1938)

«Para ser livre, mudei-me em empregado comercial... A sede de vida e de horizontes, a sede de conhecimento e de beleza, incompatível com a vida dum advogado, levou-me a isto.

Passaram trinta anos da minha vida, quase, numa insatisfação nunca mitigada, numa perpétua e insolúvel hesitação. Desejei ser tudo, ter mil vidas para viver longínquas nostalgias, distâncias onde se perdesse a sede selvagem de infinito e de vida; desejei depois o meu velho sonho da ciência, a descoberta do mundo material, o segredo natural da vida, a ciência semi-divina da natureza, missões coloniais, o sonho da palavra «explorador»... Depois, ao mesmo tempo, quis vida de requinte e de luxo, uma elegância de coisas e pessoas. Depois a velha musa humilde dos descampados agrestes portugueses, os montes, as ermidas, o silêncio de Deus, a calma e profunda meditação despida de vaidades e aparências! Para que distância, movimento? Só há, no mundo agitação... A distância pertence a Deus e à Morte... E queria abdicar, queria o meu traje vagabundo dos caminhos aldeãos.»

Em 1944 ingressa no funcionalismo público e, em 1947, faz a licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, também em Coimbra, como aluno externo. O professor Joaquim de Carvalho, sensível à envergadura intelectual desse aluno, convida-o para seu assistente nessa Universidade, mas Ernesto Veiga de Oliveira recusa também essa actividade.

Em 1953 abraça definitiva e profissionalmente a carreira de investigação científica, integrado no Centro de Estudos de Etnologia.

Numa conferência realizada em Matosinhos em 1982, Ernesto Veiga de Oliveira evocava lapidarmente esses velhos tempos deste modo:

«A nossa vida de trabalho conheceu lutas e dificuldades grandes: a génese de uma ciência que, entre nós, era praticamente uma coisa nova, que até então não tinha foros de disciplina científica qualificada, prejudicada por uma aura

de amadorismo fácil e de má qualidade que a desacreditava — uma espécie de auto-erudição que se prestava a todas as confusões e prepara para uma incompreensão total, e que se relaciona talvez com a sua metodologia específica: o trabalho de campo, que é *andar a passear* (ciência é o gabinete), o inquérito directo junto de informadores iletrados, a sua feição pouco livresca — o nosso postulado de que a ciência não está só nos livros, mas também na vida e na experiência dos Homens, que há sábios, que não sabem ler, e a quem nós pedimos que nos ensinem.

Ter que descobrir, nós próprios, os princípios básicos sobre que essa ciência se estruturaria, fazer a sua própria crítica; forjar os nossos instrumentos de trabalho, delinear metodologias próprias, conceber ficheiros e arquivos, e mecanismos de consulta e informação — e não só na formulação teórica ou abstracta, mas mesmo na sua concretização efectiva — tudo isso a partir de zero — zero de apoios anteriores, zero de factos realizados — foi realmente tarefa árdua, que exigiu muito esforço, muita fé, muito amor... Mas, por isso mesmo, porque foi assim, teve também grandes, enormes compensações: as próprias actividades científicas foram, para nós, uma aventura cheia de imprevisto, de desconhecido, de riscos.

E devemos dizer que, ao longo do nosso caminho, encontramos também ajudas, compreensão e apoio (tanto mais valioso quanto é certo que no nosso País a cultura e a investigação puras não são, nem nunca foram, preocupação de governo e governantes)...

O início da minha vida na investigação etnológica: o início *oficial* — isto é, como veremos — a minha entrada para o Centro de Estudos de Etnologia. Porque, *de facto*, o meu interesse por esse assunto e pelo tipo de vida que ele implica começou muito antes, muito cedo mesmo: as preferências por leituras da grande aventura da Terra, o Júlio Verne, os relatos dos exploradores do passado, da África, da Ásia, da Tundra, do Ártico, da Pradaria americana e da selva amazónica, da Pampa e da Terra do Fogo, as travessias de Capelo e Ivens — sei lá! Ler, conhecer, embeber-me das descrições, sonhar com essas viagens pioneiras por um mundo ainda por desvendar... E também, a par disso, os livros de Frazer, a variedade das concepções, os povos estranhos — a vida na riqueza fabulosa do seu caleidoscópico de civilizações, gentes, costumes, crenças, ritos...

Mais tarde, um apelo semelhante realiza-se nas andanças por todo o País, de sacola às costas, contactando com as gentes e as aldeias, que então ficavam isoladas no seu mundo próprio, distantes no espaço e no tempo, mergulhadas no seu viver ancestral — um mundo diferente!

No fundo, sem termos ainda a visão clara do que se passava em nós, não

era tudo isso, já, o delinear duma vocação? O apelo do conhecimento do Homem, a compreensão e experiência dos seus comportamentos, nas coordenadas do espaço e do tempo? A própria duplicidade desses nossos interesses: por um lado o conhecimento e o estudo, a visão, a experiência, a participação por outro...

E, por outro lado, os povos primitivos desses relatos da literatura geográfica — e o homem das nossas serras (o que agora chamamos as culturas de Folk) — sempre, afinal, o Homem diferente, diferente de nós, o Homem na sua dimensão cultural universal, a variedade do Homem em si mesmo e na diversidade das paisagens naturais e culturais.

Mas, entretanto, nessas andanças que nessa altura ninguém fazia entre nós, e que tão insólitas pareciam, quantos dissabores! Perseguições, chamadas à Guarda — uma novidade pioneira, que as gentes não podiam entender. Para esses outros, que eram também, em grande medida, as nossas próprias famílias, e talvez até nós próprios, perante o problema crucial da profissão, da maneira decente de ganhar a vida: era apenas vagabundear, sem finalidade, sem sentido, sem levar a nada.

Hoje parece risível; mas foi preciso desbravar, enfrentar mentalidades, arrostar com a incompreensão, quantas vezes à beira do desespero: só assim admitíamos a vida (chamávamos-lhe liberdade), e assim não podia ser. O apelo era irreprimível e categórico como se tivesse consigo uma razão; mas não sabíamos que esse gosto escondia um nome, e que esse nome designava, noutras partes, uma actividade científica e uma profissão: um meio de ganhar a vida.

É neste momento — em 1938 — que Jorge Dias, o andarilho apaixonado pelos horizontes da Terra e dos Homens, da Vida, pelo campo e pelo povo vai para a Alemanha, como leitor de Português na Universidade de Rostock, uma pequena cidade do Norte, perto de Hamburgo; e em seguida, em Munique, no ano seguinte, tem a grande revelação: ali, num país na vanguarda da cultura, esse gosto pela terra, pelas gentes, pelas formas locais de vida — o que fôra o seu mundo de vagabundo sem acerto — era um caso de ciência, tinha um nome — a Etnologia — respeitável e prestigioso, e podia ser uma profissão com sentido e estrutura.»

Jorge Dias, que entretanto se doutorara em Etnologia na Alemanha com uma tese sobre Vilarinho da Furna, de regresso a Portugal, cria, em 1947, o Centro de Estudos de Etnologia, que veio dar novo rumo e feição a estes estudos. Com ele, finalmente, elaboraram-se os conceitos básicos dessa ciência; formularam-se os princípios de uma metodologia adequada, rigorosamente

científica, em que os trabalhos de campo ganham o devido relevo; e enfim estabeleceram-se programas de investigação visando a progressiva cobertura do fenómeno cultural português na sua totalidade. Encetou-se a tarefa, cuja importância basilar e premência se media finalmente, de recolhas globais de dados sob todos os aspectos e em todo o País. E a partir daí constituíram-se ficheiros, organizou-se a bibliografia existente, e iniciou-se a publicação dessas primeiras investigações. Nas palavras de Ernesto Veiga de Oliveira, foi uma «actividade intensa de pesquisa e recolha. Percebemos a viragem do após-guerra: palavras ainda sem sentido — poluição, artesanato, turismo mesmo —. Era ainda o fluir natural. O mundo passado desaparecia — era preciso fazer *etnografia de urgência*, sob pena de desaparecerem irreversivelmente todos esses testemunhos que explicavam o Homem e o presente. Recolher, recolher, recolher. Palmilhar o País — de que as andanças de outrora nos tinham dado um conhecimento tão profundo, a pé, de bicicleta, de comboio ou camioneta — na verdade seguir a velha vocação de vagabundo, a nova luz, conhecer, registar, fotografar, estudar, aprender, reflectir. E de facto, nesta nossa opção, todo o tempo perdido do passado — o palmilhar o País, a participação na vida e nos valores locais — ganhou pleno sentido e dimensão».

Todo este trabalho de arranque pioneiro e de estabelecimento de bases foi levado a cabo por Jorge Dias e pelo grupo que ele imediatamente constituiu para o efeito, e do qual fez parte, como seu principal colaborador, Ernesto Veiga de Oliveira, além de Margot Dias, Fernando Galhano e, mais tarde, Benjamim Pereira.

Após o falecimento daquele Professor, Ernesto Veiga de Oliveira assume a direcção daquele Centro e do seu grupo, cuja actividade representa um exemplo modelar de trabalho em equipa.

Em 1963, também pela acção de Jorge Dias, é criado o Centro de Estudos de Antropologia Cultural; e Ernesto Veiga de Oliveira (e demais companheiros do Centro de Estudos de Etnologia) passam a fazer parte desse Centro. E quando em 1965 se institucionaliza o Museu de Etnologia do Ultramar, incorporando os anseios e labor daquele Professor, Ernesto Veiga de Oliveira é para ele nomeado como sub-Director. Estes dois organismos, com a morte de Jorge Dias, passam também a ser dirigidos por ele até 1980, data da sua aposentação.

A partir pois de 1953 a sua vida identifica-se com os trabalhos desses dois Centros e sobretudo do Museu de Etnologia, criado segundo uma concepção inovadora da Museologia, que restará como a expressão mais acabada da sua obra.

É com ele que a Museologia entra pela primeira vez no âmbito do ensino Superior Português, como disciplina do Curso de Ciências Antropológicas e Etnológicas, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, no ano lectivo de 1970-71.

Deve-se ainda a Ernesto Veiga de Oliveira a verdadeira iniciação às culturas e à arte africana, em Portugal, com o livro *Escultura Africana no Museu de Etnologia do Ultramar*, publicado em 1968, onde o problema é posto nas suas coordenadas etnológicas e estéticas exactas, com a consciência plena da importância do tema e dos verdadeiros valores em causa.

Trava uma luta desigual e sem tréguas para elevar o Museu de Etnologia a uma posição de invulgar destaque, dotando-o de uma estrutura e filosofia que o coloca na vanguarda da museologia etnológica; pugna pela defesa intransigente da ligação imprescindível da Investigação e Museografia. Como sempre sublinhou, num Museu de Etnologia, o que está em causa é o próprio Homem, como ser cultural. Cada objecto está integrado numa cultura, pertence a essa cultura, e só se compreende e se sente o seu significado funcional, quando se conhece essa cultura na sua totalidade. Sem essa base de investigação fundamental, metade da riqueza de expressão e significados, de relações e implicações, que os objectos encerram potencialmente, fica por revelar ou é erradamente entendido.

Dentro do princípio essencial da pluralidade das culturas que defendia, teve em vista «um Museu de âmbito universal, aberto, em princípio e em nome da ciência, à representação e apresentação da cultura de todos os grupos étnicos e sociais do mundo inteiro, não só africanos, asiáticos, americanos ou oceânicos, e fosse qual fosse o tipo e nível de sociedade a que pertencessem, e relacionados ou não com o mundo português ultramarino, mas também europeu e sobretudo português, situados no mesmo nível explicativo dos demais, sem quaisquer ressaibos de etno- ou euro-centrismo».

«O universalismo do Museu de Etnologia, assim entendido, conota não só a ideia de *todas* as culturas, mas de todas as culturas em pé de igualdade, como expressão da identidade das reacções dos comportamentos na diversidade das condições naturais, históricas, económicas e sociais, que constroem a unidade do Homem».

Pretendia um Museu aberto à vida do País e aos problemas da sociedade de hoje; a valorização do quadro por vezes lamentável dos nossos museus etnográficos, incluindo-os solidariamente num sistema vivo, com programas de estudo e recolha, exposições e acções culturais conjuntas e estruturadas que lhe dessem sentido e projecção. Essa recolha pressupunha, ou devia ser acompanhada, do estudo do tema, na sua possível tradução material, ou na sua

possível expressão comunicativa e tipologia, função, história, projecção cultural e social, na simbólica e no imaginário.

Não é só o objecto em si mesmo que se recolhe, mas é-o na totalidade do seu complexo existencial, e da problemática que ele suscita no plano etnológico, social ou humano.

Numa conferência proferida em Barcelona, em 1973, acentuava a gravidade dos problemas que hoje põem os Museus de Etnologia:

«Um museu é sempre um substituto de uma realidade, que corre o risco de atraiçoar o seu sentido mais profundo. E num museu de etnologia, essa realidade á a própria vida de muitos povos. É preciso pois que ele não seja compreendido como um mausoléu onde as coisas, exiladas das forças que as criaram, se apresentem como objectos inertes, mortos, condenados a prisão perpétua atrás dos vidros dos escaparates onde se imobilizaram — imagens de um album inexpressivo de erudição inútil, passatempo que se folheia sem responsabilidade. É preciso — e é isso o que queremos — que, pelo conhecimento e pela compenetração do que seja o seu autêntico testemunho, esses objectos se transformem em presença viva e significativa, figuras animadas do livro mais belo e mais sentido que se escreveu sobre o Homem».

As ideias basilares que definiram a estrutura conceptual do Museu de Etnologia foram revistas e reformuladas por Ernesto Veiga de Oliveira e corporizam o Decreto doutrinário dum novo organismo que o viria a substituir, o Instituto Museu Nacional de Etnologia, datado de 1979, e publicado no Diário da República mas que não foi posto em execução. Comentando essa decisão com um alto responsável do IPPC escrevia:

«É uma obra grande que se perde, feita com uma visão muito larga e renovadora, em que pusemos tanto ideal, entusiasmo, sentido construtivo, esperança — o IMNE estabelecia institucionalmente, no plano da etnologia, a imprescindível ligação do Museu e da Investigação que o sustenta, anima, enriquece e vivifica, e sem a qual as suas colecções não passam de um amontoado de objectos inertes, sem significado, sem leitura, sem voz; e existiria finalmente, pela primeira vez entre nós, um centro de apoio logístico para os estudos das culturas de todo o Mundo, e um museu onde essas culturas se documentariam com legitimidade. Lutei e sustentei a bandeira até ao fim; mas tinha contra mim a incompreensão de todos, e foi em vão: como tudo que na nossa triste terra abre caminhos independentes e pioneiros, o IMNE sucumbiu às mãos da mediania e da vulgaridade de espírito».

«O Museu de Etnologia não desaparece, evidentemente; mas será sei lá o quê, um museu parado, que não interessa nem vale a pena — Um museu sem nada que ver com o sopro que quisemos insuflar-lhe quando o erguemos a partir do zero».

Esta antevisão pessimista encontrará confirmação: O recente Decreto-Lei 249/89, que entrou em vigor em 1 de Janeiro de 1990, extinguiu o Museu de Etnologia e criou o Museu Nacional de Etnologia. Mas retomando embora algumas das linhas programáticas defendidas por Ernesto Veiga de Oliveira, afasta-se decisiva e gravemente daquela conceptualização, deixando de lado um dos seus pilares fundamentais: a investigação.

Ernesto Veiga de Oliveira, integrado nos Centros de Etnologia e Antropologia Cultural e Museu de Etnologia, que animou com o seu entusiasmo, a sua rara capacidade de trabalho, a sua seriedade e preocupação de rigor, o seu sentido crítico, a sua prudência metódica, foi um dos obreiros iniciais e principais do movimento ao qual se deve a estruturação ou o renovo dos estudos etnológicos em Portugal.

A sua obra, vasta e extremamente diversificada, construiu-se tendo sempre como objectivo permanente a globalidade do País, recobrando importantes domínios da cultura portuguesa. E em muitos casos pode mesmo falar-se de descoberta e revelação de aspectos que até aí eram praticamente ignorados.

O trabalho de campo era para ele uma aventura fascinante a que se entregava com entusiasmo contido, na plenitude do sentido universalista do Homem.

Num sintético e muito expressivo balanço, Ernesto Veiga de Oliveira estabelecia, nessa conferência em Matosinhos, dois sentidos fundamentais às suas actividades científicas:

- «1) Instituir realidades, desbravar caminhos, na investigação, nas instituições, na docência, na definição conceptual, na museologia etnológica. Ir à frente, sem medo — ou com medo! — trilhar sendas novas, rumos ainda virgens.
- 2) Depurar a visão estabelecida do País, com uma Etnografia viciada, uma visão política e anti-científica, anti-verdade. Mostrar o que é o País na realidade, a vida, o trabalho, a maneira de estar e pensar, o mundo material e espiritual do povo português autêntico. Mais talvez do que as próprias obras, foi o criar o exemplo de uma atitude na ciência etnográfica, uma forma de pensar a ciência dos comportamentos culturais, crítica e com a única preocupação da verdade objectiva, sem valorizações erradas. Mostrar, como corolário, que a cultura, o pensa-

mento, as criações do povo português não estão só nos níveis eruditos, na escola e no livro, mas também no homem anónimo, talvez analfabeto — repositório do saber mais antigo, saber ditado pela experiência do trabalho e da vida, saber onde nós fomos beber ensinamentos, e de que proclamamos a realidade, o valor, a natureza e a beleza genuína.

Agora demos a volta ao mundo e à vida — tempo perdido? Chegou a hora de entregarmos o facho. Mas isso já não depende de nós. Lutámos para que viessem os novos, mas até hoje não conseguimos. Há gente nova boa, interessada. Mas em Portugal as leis não são para apoiar as realidades úteis, são para as impedir de funcionar. Neste momento, tenho de acabar com uma visão amarga, de apreensões e descrença».

Em 1984 a Universidade de Évora conferiu-lhe o título de Doutor *Honoris Causa*.

De 1971 a 1980 foi director do Arquivo Parcial (em Portugal) do Instituto do Filme Científico de Göttingen.

Fez parte do *International Secretariat for Research on the History of Agricultural Implements*, sediado em Copenhague.

De 1973 a 1980 integrou o corpo redactorial da Revista *Ethnologia Europaea*.

BIBLIOGRAFIA

Estudos Gerais

1. «Trabalhos Colectivos Gratuitos e Recíprocos» — *Revista de Antropologia* — III-1 São Paulo 1955, 21-43.
2. «Indivíduo e Sociedade», *Colóquios sobre Metodologia das Ciências Sociais*, Lisboa, 1958, 29-47.
3. «As orientações funcionalistas nos estudos de cultura». Idem, 153-174.
4. «Aspectos do compadrio em Portugal» — *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, I, Lisboa, 1959, 154-169.
5. «Unidade e diversidade da cultura portuguesa», *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 9.6.1959.
6. «A Cultura Castreja e a sua Herança Social na Área Galaico-Portuguesa — Relatório» — *Actas do XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das*

- Ciências*, Tomo II, Porto, 1962, 1-16. (Em col. com Jorge Dias).
7. «Princípios basilares das ciências etnológicas» — *Cadernos de Etnografia* 3, Barcelos 1965. 32 pp.
 8. «Rocha Peixoto e a Etnologia» — *Boletim da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim V-2*, Póvoa de Varzim, 1966, 165-214.
 9. «Trabalhos Colectivos» — *Dicionário de História de Portugal*, IV, Lisboa, 1971, 189-191.
 10. «Rio de Onor 1974» *In Memoriam António Jorge Dias*, III, Lisboa, 1974. 285-305, 11 figs. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira).
 11. *Lição Doutoral* — Doutoramento «Honoris causa» de Ernesto Veiga de Oliveira — Universidade de Évora, 1984, 19-35.
 12. «Migrações temporárias e estacionais — Barrosões no Alentejo» — *Estudos em Homenagem a Mariano Feio*, Lisboa, 1986, 541-563. 3 des. (Em col. com Benjamim Pereira e Fernando Galhano).

Arquitectura

13. «Casas da Maia» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 1-2, Porto, 1954, 55-72. 3 figs., 12 des. (Em col. com Fernando Galhano)
14. «Casas de Esposende» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, X-V, 1-2, Porto, 1954, 73-84. 2 figs., 11 des. (Em col. com Fernando Galhano).
15. «Casas da Murtosa» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 3-4, Porto, 1955-56, 265-285, 7 fig., 7 des. (Em col. com Fernando Galhano).
16. «Um tipo de casa rural dos arredores do Porto» — *Douro Litoral*, 7ª série, VII-VIII, Porto, 1956, 727-748, 13 des. 6 fig. (Em col. com Fernando Galhano).
17. «Velhas Casas do Porto» — *Jornal de Turismo* — 1-2 Porto, 1957.
18. «Àcerca das origens da casa estreita e alta portuguesa» — *Cultura e Arte/O Comércio do Porto*. Porto, 9.IX.1958.
19. «Ainda àcerca das origens da casa estreita e alta portuguesa» — *Cultura e Arte/O Comércio do Porto*. Porto, 23.X.1958.
20. «Casa dos pescadores da Póvoa de Varzim», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV-3/4, Porto, 1957, 219-264, 13 figs., 6 des.
21. «A casa esguia e alta do Porto» — *Cultura e Arte/O Comércio do Porto*. Porto, 25.XI.1958.
22. «Casas do Porto» — *Douro Litoral*, 8ª série, VII-VIII, Porto, 1958, 637-673, 7 figs., 20 des. (Em colaboração com Fernando Galhano).
23. «Alguns elementos das casas de Matosinhos, Maia e Vila do Conde» — *Boletim da Biblioteca Pública de Matosinhos*, Nº 5, Matosinhos, 1-19, 13 figs., 9 des. (Em col. com Fernando Galhano).
24. «A Região e a Casa Gandaresa» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XVII (Homenagem ao Professor Doutor Mendes Corrêa), Porto, 1959, 417-443,

- 4 desenhos. (Em col. com Jorge Dias e Fernando Galhano).
25. «Telhados do Porto», — *Douro Litoral*, Nona série, II, Porto, 1959. 217-228, 7 des. (Em col. com Fernando Galhano).
26. «Arquitectura» — *A Arte Popular em Portugal*, I (1960), 14-136, 82 figs. (Em col. com Fernando Galhano).
27. «Sistemas de construção com madeira e materiais leves. Um tipo de “Fachwerk” em Portugal» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVIII 3-4, Porto 1961, 347-353, 3 fig.
28. «Casas esguias do Porto e sobrados do Recife» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVIII 3-4, Porto 1961 / 62, 175-227, 12 figs. (Em col. com Fernando Galhano). 2ª ed., Recife, Pool Editorial S/A 1986, 46 p., 20 figs.
29. «Casas da zona central do litoral português» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVIII, 3-4, Porto 1961 / 62, 229-255, 12 figs. (Em col. com Fernando Galhano).
30. «Casas — *Dicionário de História de Portugal*, I, 517-519, Lisboa, 1963.
31. «Palheiros e Barracos do Litoral» — *Geographica*, 3, Lisboa, 1964, 43-64.
32. «Palheiros do Litoral Central Português», Lisboa (IAC) 1964, 133 pp., 27 des., 75 figs. (Em colaboração com Fernando Galhano).
33. «Construções em falsa cúpula» — *Geographica*, 16, Lisboa, 1968, 64-79, 14 figs.
34. *Construções primitivas em Portugal*, Lisboa, (IAC), 1969, 363 pp., 355 figs., 104 des. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira). 2ª ed., Publicações D. Quixote, 1988, Col. Portugal de Perto.
35. «Persistência e evolução da habitação» — *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Colóquio 2, Tomo III, Actas do XXIX Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, 1970. 149-167.
36. «Palheiros do Litoral Central», *Ovar e o seu concelho*, Ovar, 1985, 165-178.

Mobiliário

37. «Mobiliário» — *A Arte Popular em Portugal*, I, s/d (1960), 139-171, 29 figs. (Em col. com Fernando Galhano).

Tecnologia tradicional

38. «A apanha do sargaço no Norte de Portugal» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVI — 1-4, Porto, 1958. 63-170, 36 fig., 29 des. (Em col. com Fernando Galhano)
39. «Espigueiros portugueses. A problemática dos espigueiros» — *XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Madrid, 1958. (Em col. com Fernando Galhano)

40. *Sistemas Primitivas de Moagem em Portugal—Moinhos, Azenhas e Atafonas—I. Moinhos de Água e Azenhas*, CEEP (IAC), Porto, 1959, 99 pp. 12 figs., 66 desenhos. (Em col. com Jorge Dias e Fernando Galhano)
41. *Sistemas Primitivas de Moagem em Portugal—Moinhos, Azenhas e Atafonas—II. Moinhos de Vento*, CEEP (IAC), Porto, 1959, 94 pp., 24 figs., 64 desenhos. (Em col. com Jorge Dias e Fernando Galhano)
42. «Algumas notas sobre pisões portugueses», *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos Dr. José Leite de Vasconcelos*, I, Porto, 1959, 175-181
43. «Pisões Portugueses» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVIII — 1-2, Porto, 1960 / 61, 63-120, 14 des. (Em col. com Fernando Galhano)
44. *Sistemas Primitivos de Secagem e Armazenagem de Produtos Agrícolas — Os Espigueiros Portugueses*, Porto, (IAC), 1963, 291 pp., 145 figs., 72 des., 2 mapas. (Em col. com Jorge Dias e Fernando Galhano)
45. *Moinhos de Vento. Açores e Porto Santo*, Lisboa (IAC), 1965, 117 pp., 31 desenhos 105 figs. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira)
46. «Espigueiro» — *Dicionário de História de Portugal*, II, 105-106, Lisboa, 1965.
47. «Pisão» — *Dicionário de História de Portugal*, III, 404-405, Lisboa, 1968
48. «Moinhos de Água em Portugal» — *Geographica*, 9, Lisboa 1967. 48-69, 19 fig.
49. «Attelage des boeufs au Portugal» — *Bulletin d'Ethnographie Tchecoslovaque*, III-IV, Brno, 1969, 55-76, 7 des. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira)
50. «Secagem e armazenagem» — *Dicionário de História de Portugal*, III, Lisboa, 1971, 821-824.
51. *Sistemas de atrelagem dos bois em Portugal*, Lisboa (IAC) 1973, 124 pp. 150 fig. 37 des. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira)
52. *Actividades agro-marítimas em Portugal*. Lisboa (IAC) 1975, 236 pp., 166 fig., 53 des. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira)
53. *Alfaia Agrícola Portuguesa*, Lisboa, (IAC), 1976, 396 pp., 259 des. e 70 fotog., 2ª ed., (INIC), 1983. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira)
54. *Tecnologia Tradicional—Pisões Portugueses*, Lisboa (INIC) 1977, 70 pp., 14 des., 18 figs. (Em col. com Fernando Galhano)
55. «Agricultura biológica: o reencontro com o ciclo natural — Mesa Redonda», *Raiz e Utopia, Revista Trimestral*, 2, 1977, 166-187
56. *Tecnologia Tradicional — O linho*, Lisboa, (INIC) 1978, 246 pp., 122 des., 121 fotog. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira)
57. «Tangfischerei bei Castelo do Neiva» *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion Ethnologie*. Série 8. Número 2. Göttingen 1978.
58. «Dreschen und Dreschbrauch in Tecla» *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion Ethnologie*. Série 9. Número 37. Göttingen 1979.
59. «Brotbacken in Perafita», *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion Ethnologie*. Série 9. Número 19. Göttingen 1979. 16 p., 8 figs.
60. «Tuckwalken in Tabuadela» *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion*

- Ethnologie*. Série 10. Número 7. Göttingen 1980.
61. «Fischerei mit dem Zugnetz in Torreira» *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion Ethnologie*. Série 11. Número 26. Göttingen 1981.
62. «Fischen von Wasserpflanzen in der Ria de Aveiro» *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion Ethnologie*. Série 12.
63. *Tecnologia Tradicional Portuguesa — Sistemas de Moagem* — Lisboa, (INIC), 1983, 520 pp., 491 fig. 246 des. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira)
64. *Olaria em Malhada Sorda*, Museu de Olaria, Barcelos, 1984, 5-9.
65. *Os Jugos Portugueses — A canga vareira* (Comissão Municipal de Turismo de Ovar) 1985, 12 pp.
66. *Tecnologia Tradicional Agrícola dos Açores*, Lisboa (INIC), 1987, 94 pp., 148 figs. e 43 des. (Em col. com Benjamim Pereira)
67. «Os arados portugueses», *Livro de homenagem a Orlando Ribeiro*, 2^a vol. Lisboa, 1988, 259-280, 5 des. 6 fotog. (Em col. com Fernando Galhano e Benjamim Pereira)'
68. Prefácio a Jorge Dias, *Os arados portugueses e as suas prováveis origens*, 2^a ed. Empresa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1982, 7-34

Vindicta popular

69. «Formas fundamentais da vindicta popular em Portugal», *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*, Porto, 10.III.1959
70. Id. «2. Pulhas e Testamentos», *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*, Porto, 22.XII.1959
71. Id. «3. Testamentos e formas avulsas», *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*, Porto, 8.III.1960
72. Id. «4. Casos avulsos e especiais», *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*, Porto, 26.IV.1960
73. «Considerações àcerca de “Juegos de escarnio” espanhóis», *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*, Porto, 12.VII.1960

Festividades cíclicas

74. «O Entrudo» — *Douro Litoral*, 4^a Série, IX — Porto, 1952, 41-46.
75. «A Queima do Judas» — *Terra Lusa* n^o 3, Lisboa 1952. 83-88, 4 figs.
76. «A palha do Natal no concelho de Vila do Conde» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV. 1-2, Porto, 1954, 107-110
77. «Subsídios para o estudo do Entrudo em Portugal — O Enterro do João» — *Douro Litoral*, 7^a Série, VII-VIII, Porto 1956, 601-700.

78. «Manjares Cerimoniais do Entrudo em Portugal» — *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Coimbra 1956, 299-310
79. «"Folares" et Oeufs de Pâques au Portugal» — *Schweizerisches Archiv für Volkskunde*, 53, Fasc. 2-3 Basel 1957, 151-156
80. «A Quinta-Feira de Ascensão em Portugal» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 3-4, Porto, 1957, 288-293
81. «O Primeiro de Maio, As "Maias" e os "Maios"» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 13.V.1958.
82. «O Domingo de Ramos em Portugal» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*, 8.4.1958.
83. «O Primeiro de Maio, Manjares Cerimoniais» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 10.III.1958.
84. «Formas alimentares do S. João» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 8.VII.1958.
85. «Folares e ovos de Páscoa em Portugal» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 13.10.1959 e 24.12.1959
86. «O S. João e o Fogo» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 14.7.1959
87. «O Entrudo em Portugal — Os Compadres e as Comadres do Carnaval» — *Cultura de Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 13.9.1960 e 13.12.1960.
88. «Manjares e refeições cerimoniais em Portugal — Todos-os-Santos e Fiéis Defuntos» — *Estudos e Ensaios folclóricos em homenagem a Renato de Almeida*, Rio de Janeiro 1960, 345-365.
89. «O Culto dos Mortos no Natal» — *Céltica*, Porto 1960, 73-74.
90. «O S. Martinho em Portugal» — *Actas do I Congresso de Etnografia e Folclore*, II, Braga 1956. Lisboa, Bibliotecas Social e Corporativa, 1963, 165-173
91. «O São João em Portugal» — *Revista de Etnografia*, V-1, nº 9, Porto 1965, 56-112, 8 figs.
92. «Festividades cíclicas» — *Dicionário de História de Portugal*, II, Lisboa, 1965
93. «Le culte de Saint Martin en Portugal» — *Revista de Etnografia*, X-2, Porto 1968, 313-328.
94. *Festividades cíclicas em Portugal* (col. Portugal de Perto — Dom Quixote) Lisboa, 1984, 357 pp., 39 figs.
95. *As Festas — Passeio pelo Calendário*, Lisboa (FCG) 1987, 34 pp.

Romarias

96. «A romaria de S. Bartolomeu do Mar em Esposende» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 8.IX.1959
97. «Roubo Ritual» — *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, XX, 1-4, Orense 1960
98. «A romaria de S. João de Arga» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*, 9.9.1962

99. «Les Romarias» - *Portugal 1965*, 135-143, 7 fig.
100. «Romaria» - *Dicionário da História de Portugal*, III, Lisboa, 1968
101. «A Romaria de S. Bartolomeu do Mar» — *Geographica, Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, VII-26, Lisboa 1971, 42-59, 13 fig.
102. «A Romaria de S. João de Arga» - *idem*, VII-28, 1971, 2-18, fig. 13
103. «Kirchfest "Romaria" von S. Bartolomeu do Mar» - *Encyclopedia Cinematographica*, E 1889 / 1973, Göttingen 1974.
104. «Kirchfest "Romaria" von S. João d' Arga (Minho)» — *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion Ethnologie*. Série 8. Número 1. Göttingen 1978.
105. «Kirchfest "Romaria" von Salvador do Mundo» — *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion Ethnologie*. Série 9. Número 18. Göttingen 1979.
106. «Stierkampf in Forcalhos» — *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion Ethnologie*. Série 12. Número 29. Göttingen 1982.

Instrumentos musicias

107. «O Zé Pereira» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 10.I.1961.
108. «Alguns aspectos etno-musicais do Baixo Alentejo; I O Tamborileiro Alentejano; II A viola Campaniça» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 23.V.1961 e 13.VI.1961, respectivamente.
109. «A Sanfona, um instrumento esquecido» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*, Porto, 12.IX.1961
110. «Instrumental Popular Português» — *Colóquio*, 24, Lisboa, 1963, 26-30, 9 figs.
111. «Violas Portuguesas» — *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros I*, Coimbra, 1965, 375-392.
112. *Instrumentos musicais populares portugueses* — Catálogo da exposição na F.C.G., Lisboa 1982, 16 pp.
113. «Em busca de um mundo perdido», *Arte Musical* (número especial) Lisboa, 1982.
114. *Instrumentos Musicais Populares Portugueses* — *Fundação Calouste Gulbenkian*, Lisboa 1966, 239 p. + 22 p, 439 fig.; 2ª ed. 1982, 526 pp., 410 figs. 53 ex. musicais, Lisboa, 1982.
115. *Instrumentos Musicais Populares dos Açores*, Lisboa (FCG) 1986, 70 pp., 52 figs.
116. «Instrumentos musicais populares portugueses» — *Atlantis* vol. 7, nº 3, Lisboa, 1987.

Jogos

117. «O jogo da Pela na Póvoa da Atalaia» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XIII — 3-4, Porto, 1952, 249-264.
118. «Os "bombos" de Fafe e outras diversões de carácter periódico» — *Trabalhos de*

Antropologia e Etnologia, XIII, 3-4, Porto, 1952.

119. «O “Jeu de Toupiole” em Portugal» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* XV, 1-2, Porto, 1954, 111-115.
120. «Designação dos Dedos da Mão» — *Douro Litoral*, 6ª Série, IX, Porto, 1955, 9-27
121. «Alguns Jogos Populares Poveiros» — *Douro Litoral*, 7ª Série, I-II, Porto 1956, 63-67.
122. «O Jogo do Pau em Portugal» — *Geographica*, VIII-32, Lisboa 1972, 52-75, 10 fig.
123. «Stockspiel in Basto» *Institut für den Wissenschaftlichen Film. Sektion Ethnologie*. Série 9. Número 38. Göttingen 1979.

Museologia e Exposições

124. «Vida e Arte do povo Maconde numa exposição de Lisboa» - *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 14.4.1959.
125. «Museus ao ar livre» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 22.5.1962.
126. *Rosa Ramalho*, Árvore, Porto.
127. «Exposição de Instrumentos Musicais Populares Portugueses na Fundação Calouste Gulbenkian» — *Revista de Etnografia*, 7, Porto, 1965, 208-212, 3 fig.
128. «Ainda a propósito da Exposição dos Instrumentos Musicais Populares Portugueses na Fundação Calouste Gulbenkian» - *Revista de Etnografia*, 12. Porto 1966, 499-500.
129. «Introdução» ao *Catálogo da Exposição «Arte do Índio Brasileiro»*, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, Outubro 1966, 11 pp. (Em col. com Jorge Dias)
130. «A Exposição da Arte do Índio do Brasil» — *Colóquio* 41. Lisboa, 1966, 57-63, 7 fig.
131. «Exposição de alfaia agrícola portuguesa do Museu de Etnologia do Ultramar» — *Revista de Etnologia*, XIII-2, nº 26, Porto, 1969, 455-483, 8 figs.
132. «Museus e Coleções de Etnografia de Angola» — *Garcia da Orta*, 19, Lisboa, 1971. 25-35, 30 figs.
133. *Apontamentos sobre Museologia*—*Museus Etnológicos*, Estudos de Antropologia Cultural, nº 6. Lisboa 1971, 112 pp.
134. «Museu de Etnologia do Ultramar» — *Geographica*, Rev. da Sociedade de Geografia de Lisboa, 29, Lisboa 1972, 2-23, 16 figuras.
135. «Povos e Culturas — Museu de Etnologia de Ultramar» — *Tecnologia Educativa* (IMAVE), 63, 1972, 15-18.
136. *Povos e Culturas* (Introdução). Museu de Etnologia do Ultramar, Lisboa (JIU) 1972.
137. *Escultura Africana*—Catálogo da exposição no Centro de Arte Contemporânea do

- Porto, Porto (SEIC) 1977, 42 pp., 16 figs. (Em col. com Benjamim Pereira) *
138. *Cultura e Tradição — Guiné-Bissau* — Catálogo da exposição na Árvore, Porto, 1984 (Em colaboração com António Carreira e Benjamim Pereira)
139. «Museu de Etnologia» — *Além-Mar*, 320, Lisboa, 1985, 19-22
140. *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, FAOJ, Coimbra, 1985.
141. *Desenho Etnográfico de Fernando Galhano*, Lisboa, 1985 (textos e legendas dos desenhos).
142. *O Pão e o Bragal*, Paredes de Coura, 1985, 36 pp., 12 figs. (Em vol. com Benjamim Pereira)
143. *Trabalho e Festa nas lavouras do Noroeste*, Ponte de Lima, 1986, 32 p. (em col. com Benjamim Pereira)
144. «O Índio brasileiro nos Museus Portugueses» — *Índios da Amazónia*, Catálogo da exposição no Museu de Etnologia, Lisboa (IICT), 1986, 11-42.
145. *Instrumentos musicais populares portugueses*. Catálogo da exposição no Centro Regional de Artes Tradicionais, Porto, 1986, 32 pp.
146. «Olaria portuguesa decorada», *Design 87-Design artesanal*, Vila Nova de Cerveira, Arca, 1987, 7-12, 14 figs. (em col. com Benjamim Pereira).
147. «Perspectivas museológicas do Museu de Etnologia», *Informática e Museus*, Lisboa, IICT, 1989, 55-59
148. «O Museu de Etnologia», *II Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*, Mafro, 1989.

Escultura africana

149. *Escultura africana no Museu de Etnologia do Ultramar* — 1968 (Em colaboração com Margot Dias, Luís Polanah, António Carreira, Fernando Galhano, Fernando Quintino e Benjamim Pereira). Introdução (e legendas do Brasil).
150. «L' Art African au Portugal» — *Antologia di Belle Arti*, V-17/18, Torino 1981, 25-44, 29 figs.
151. *Escultura Africana* — Catálogo da exposição no Centro de Arte Moderna Lisboa (FCG), 1985, 42 pp. 72 figs. (Em col. com Benjamim Pereira)
152. «Escultura Africana em Portugal» *Escultura Africana em Portugal*, Catálogo da exposição no Museu de Etnologia, Lisboa (IICT), 1985, 11-44.

Literatura oral

153. «Adivinha» — *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa*, 1, 1977.
154. «Adozinda» — *Idem*.

155. «Santo António na tradição oral» — *Idem*.
 156. «Os “arquétipos” na literatura oral» — *Idem*.
 157. «Álvaro Rodrigues de Azevedo» — *Idem*.
 158. «Braga, Teófilo e a Etnologia» — *Idem*.
 159. «Prefácio» a *Contos Populares Portugueses* de Adolfo Coelho (Col. Portugal de Perto — Publicações Dom Quixote) Lisboa, 1985, 13-40.

Diversos

160. «Congresso Internacional de Etnografia de Arnhem» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, Porto 1954
 161. «A II reunião brasileira de Antropologia» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 1-2, Porto, 1954, 123-124.
 162. «Luís da Silva Ribeiro» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 1-2, Porto, 1954, 130.
 163. «O III Documentário dos Usos, Costumes e Tradições Poveiras». *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 3-4, Porto, 1957.
 164. «António Santos Graça», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 3-4, Porto, 1957.
 165. «Arnold Van Gennep», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 3-4, Porto, 1957.
 166. «Stith Thompson — Motif — index of Folk Literature» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 3-4, Porto, 1955/57, 320-322.
 167. «Manuel Diegues Junior — Etnias e culturas no Brasil» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 3-4, Porto, 1955/57, 327-332.
 168. «Luís Cortés Vasquez, Cuentos Populares en la Ribera del Duero» — *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV, 3-4, Porto, 1955/57, 333-336
 169. «A Etnografia no XXIV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*, Porto, 23.XII.1958.
 170. «Relatório da Secção I — A Terra e o Homem — Tomo 5 — Cruzamentos e Contactos de Civilização» — *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, I Lisboa, 1959, 189-201.
 171. «Vasco Nogueira de Oliveira, Pequena correspondência inédita de J. Leite de Vasconcelos» — *Cultura e Arte / O Comércio do Porto*. Porto, 10.II.1959 e 26.V.1959.
 172. «Fernando Reis Soiã (Literatura oral de S. Tomé)», *Revista de Etnografia*, V, Tomo I, nº 9, Porto, 1965, 253-255.
 173. «D. Sebastião Pessanha» — *Revista de Etnografia*, VII, 1, Porto, 1966.
 174. «Don Sebastião Pessanha», *Osher Zeitschrift für Volkskund*, 289-292.
 175. «Estudos de Etnografia e da Arqueologia — Rocha Peixoto» — *Revista de Etnografia*, VII, Tomo 2, nº 16, Porto, 1967, 483-486.

176. *Vinte Anos de Investigação no Centro de Estudos de Etnologia Peninsular* — Lisboa (IAC) 1968, 77 pp.
177. «Professor Jorge Dias» — *International Secretariat for Research on the History of Agricultural Implements*, Newsletter, 24 Lyngby, 1973.
178. «Professor Jorge Dias» - *Estudos Políticos e Sociasi*, VIII, 3-4 (1970) Lisboa, 1973.
179. «António Jorge Dias» (Biography) — *In Memoriam António Jorge Dias*, I, Lisboa 1974.
180. «Professor Jorge Dias», *Revista Portuguesa de Filologia*, XVI (1972-1973) Coimbra, 1976, 797-802
181. *Centro de Estudos de Etnologia 1947-1987*, INIC, Lisboa (1987) 36 p.
182. Colaboração («Etnografia») na *Focus* — *Enciclopédia Internacional*.
183. Texto introdutório a Ruy Cinatti, Leopoldo de Almeida e Sousa Mendes, *Arquitetura Timorense*, Lisboa, IICT, 1987, 7-8.
184. «Orlando Ribeiro e a Etnologia», *Ler História*, 13, Lisboa, 1988, 138-142.
185. Prefácio a *Achegas para a História do Porto de Carreiros*, de Henrique Vieira de Oliveira, Porto, 1989, 9-12.



Fig. 2 — Dr. Ernesto Veiga de Oliveira. Foto de Carlos Ladeira.